

David ABULAFIA, *The Great Sea: A Human History of Mediterranean*. Oxford: Oxford University Press, 2011, 784p.

O que Abulafia quer com esta obra sólida de quase 800 páginas, das quais 150 são de notas e índice remissivo? Contar a história dos povos moraram no e do Mediterrâneo ao longo de milênios. Não tanto os que moraram em suas margens ou próximos como foi o caso de Roma, mas os que usaram este mar de encontro da Ásia, África e Europa e porque não dizer, também com o Atlântico e suas *pontes* para a América. Para isto ele lida, *grosso modo*, com 5 *mares* ao longo do tempo: o primeiro aquele que vai até a queda de Troia, por volta de 1.200 a. C.; o segundo o que sobreviveu até mais ou menos o ano 500 d.C.; o terceiro que andou mais ou menos lentamente até a Peste Negra de 1347; o quarto mar Mediterrâneo teve que lutar com os poderes do Atlântico; com a abertura do Canal de Suez em 1869, que o conectou com o mundo do Índico, este oceano também passa a conectar-se com o Mediterrâneo não sem contribuir com uma intensa influência, especialmente no Século XX.

A obra, além de um texto riquíssimo de informações – e de detalhes até curiosos – traz escolhidas a dedo, inúmeras ilustrações, dispostas de dois blocos, e que iniciam com Malta onde tivemos, muito antes do Egito e do Oriente Médio, a primeira cultura sofisticada no Mediterrâneo. Dramaticamente, ele encerra as *ilustrações* com um barco frágil sobrecarregado de migrantes que a remo buscam alcançar o *Paraíso* do outro lado do Gibraltar, na Espanha, a porta da Europa. O que chamamos de Mediterrâneo, reconhece Abulafia, já recebeu – significativamente, a propósito – muitos nomes: o que foi o Nosso Mar, (*Mare Nostrum*) para os romanos, os turcos irão chamá-lo de *Akdniz* (Mar Branco), os judeus chamá-lo-ão de *Yam gad-*

ol (Grande Mar), os alemães *Mittelmeer* (Mar do meio) e os antigos egípcios chamavam também de Grande Mar ou Mar Grande. E nos tempos modernos, dentre os muitos títulos, um da Segunda Guerra merece destaque: o Mar *Amargo, não sem motivos. Ainda que não apareça esta expressão, mas pela quantidade de guerras que aconteceram nele, até poderia ser chamado de mar de sangue ou da morte... Enfim, para um mar com tanta história, títulos é que não faltam.*

Se tomarmos o esquema que Abulafia propõe, teremos em sua primeira parte da obra o seu *Primeiro Mediterrâneo*: deixando de lado os aspectos geológicos, temos sinais de seres humanos já há quase meio milhão de anos atrás, mas é a partir da *revolução neolítica* em torno de 10.000 anos atrás que podemos contar com uma vida humana presente, constante, sólida e dinâmica em suas margens. É neste *primeiro mar* que vemos até com certo espanto que por volta de 3.500 a. C. na ilha de Malta surge uma civilização bastante sofisticada, e, a considerar pelo que temos ainda hoje de seus monumentos, bastante misteriosa. Num primeiro momento, além de Malta, podemos dizer que a história se circunscreve ao Mar Egeu e suas bordas, onde o ponto alto talvez seja a cidade de Troia. Com o incremento da navegação e o conhecimento do sentido dos ventos (milênios da história do Mar Mediterrâneo vão depender do conhecimento da orientação dos ventos ao longo do ano, como Abulafia apresenta no mapa das páginas XXIV e XXV) o mundo mediterrâneo se desloca também para a Sicília, norte da África e chegando à ilha de Ischia um milênio e meio antes de Cristo. São destes tempos as sagas que influirão em diversas culturas posteriormente, dos povos da terra e dos povos do mar. Quem sabe se possa até dizer que os povos da terra trouxeram o ferro e os do mar, as mercadorias exóticas; ambos fascinantes.

O *Segundo Mar* que percorre o tempo entre 1000 a. C. e 600 d. C. traz consigo inúmeras contribuições e recortes possíveis. Reinos surgem, crescem e desaparecem, mas suas influências duram até hoje. Até mesmo na possibilidade de o leitor ler este texto nestas letras latinas, mas cuja origem seria fenícia... Um primeiro movimento

foi sem dúvida, como dissemos acima, a descoberta das rotas e com isto um comércio intenso; os *phoinikes* ligaram o Líbano à Espanha; a Etrúria ao mar Egeu e assim por diante. Era ao tempo da púrpura, nos termos de Abulafia. Os *herdeiros de Ulisses* neste tempo marcaram a história com façanhas contra os persas até agora quase inexplicáveis; quem não lembra das Termópilas e seus 300 espartanos (claro que estavam presentes outros grupos, mas estes ficaram com o marketing); a seguir batalha de Salamina... Um povo pouco conhecido, mas que cada vez mais a história revela sua enorme importância foram os Etruscos; talvez foram os que ensinaram os romanos rústicos a construir e viver em cidades, e a organizar os exércitos, tiveram uma influência significativa por 4 séculos. Não raro se confunde a história da Itália com a história dos romanos, mas Abulafia adverte que civilizações se sucederam do sul ao norte da península desde cedo com influência grega, fenícia e assim por diante. Entretanto, a ilha da Sardenha desenvolveu uma cultura sofisticada desde 1.400 a. C. e que durou por mais de seis séculos e em parte ainda é pouco conhecida. Os mares orientais – especialmente o Egeu – ao longo de 550 a. C. até 100 a. C. com a passagem meteórica, mas não menos influente de Alexandre Magno, marcaram definitivamente o Ocidente especialmente pela contribuição filosófica, ou das ciências em geral. É o que Abulafia vai chamar, numa imagem interessante, de farol do Mediterrâneo. Ainda que o autor tenda a lidar com o que acontece no mar, nas águas, ele não pôde deixar de lado um evento divisor de águas que foi a *delenda est Carthago* que aconteceu mais em terra, e o destino do Ocidente vinculado a este momento; mais uma vez os fenícios! O que os romanos vão chamar de *mare nostrum* Abulafia circunscreve mais precisamente entre 146 a. C. e 150 d. C.: é um tempo de grande prosperidade para o comércio e porque não, para a pirataria (já naqueles tempos!). *Com um controle único o mare nostrum garantiu a liberdade de movimento que resultou numa mistura cultural única numa escala nunca vista antes.* Talvez tenha sido o momento de maior paz neste mar de sangue. Um capítulo a parte, e que enfoca mais os tempos entre o nascimento de

Jesus e o fim do Império Romano do Ocidente, traz à baila, além dos aspectos filosóficos deste mundo (que, claro têm raízes anteriores) os aspectos religiosos. Lenta mas constantemente a visão do ser humano, das divindades e os seus efeitos no mundo religioso muda, e talvez, mais uma vez, a partir do mar, de um viajante náufrago, mas destemido: Paulo de Tarso. Três fenômenos de longa duração, e nada marítimos – seca, pragas e frio – fizeram com que o mundo do mar Mediterrâneo sofresse entre o ano 400 e 600 uma profunda desintegração com marcas duradouras, em que provavelmente, mais de 30% da população tenha morrido e talvez seus efeitos indiretos perdurem até hoje.

O *Terceiro Mediterrâneo* de pouco mais de sete séculos, de 600 a 1350, seria talvez um *mare nostrum*, ou melhor, uma *terra de um salve-se quem puder*, ou ainda como Abulafia inicia a sua análise desta fase: o mar Mediterrâneo se tornou uma espécie de gamela para quem quiser beber... Talvez a principal influência tenha sido do mundo islâmico, apesar de não ter sua origem no Mediterrâneo. Teria este mundo religioso tido a chance de criar uma nova unidade? Cassiodoro afirma que todos precisam de sal, mas nem todos querem ouro! Estaria nos conflitos entre o que se precisa e o que se quer o destino destes séculos do Mediterrâneo? Aproximadamente um século antes e um século depois do ano mítico 1000, muitas coisas concretas mas com alto valor simbólico aconteceram, mas duas são certamente centrais: entrada dos muçulmanos na Espanha e a Cruzadas. Apesar de a conquista de Toledo ser em 712, instituição do califado é de 929; de qualquer modo os *mouros* só sairão dali depois de quase 800 anos. O mundo mediterrâneo Oriental tem uma história não menos emocionante, apesar de o Império Romano ter-se mantido por quase 1000 anos. Os *mouros* perdem a Espanha e ganha o Oriente (1453), com cruzadas e tudo o mais. Desde o ano 1000 até o Século XIII a história do Mediterrâneo é a história de cidades e esta é quase uma história a parte: Veneza, Barcelona, Constantinopla, Amalfi etc. Quem anda por este mar? Nos termos de Abulafia três ‘m’: mercenários, mercadores e missionários... Exagero? É evidentemente, um tempo de fragmentação.

Novamente, o autor encerra um *mar* com uma situação dramática. O século XIV testemunha uma praga – a peste negra – que faz com que em algumas regiões a população caia pela metade. *A praga em alguns lugares assumiu a forma de pneumonia que podia matar as pessoas em questão de horas* levando a situações dramáticas em que vilas inteiras desapareciam da noite para o dia. Claro que perder em décadas metade da população não deixou de ter profundos efeitos e que em alguns aspectos perduram até hoje, e Abulafia insinua que talvez depois disto alguns começaram a olhar com alguns sonhos esperançosos por lugares melhora para além das colunas de Hércules... até para além do Atlântico. Será?

O *Quarto Mediterrâneo*, apesar de começar com uma desgraça imensa, deixa transparecer que o *velho mediterrâneo de guerra* não tinha sumido. Claro entre 1350 e 1850, vamos ainda ter o *reino das cidades*, mas já dentro de uma nova dinâmica: a dinâmica de impérios em contato e não raro, em choque, isto é, o império otomano e os cristãos. Nestes tempos, parece evidente, os centros no mediterrâneo, tendem para os seus extremos: Espanha e Portugal de um lado e o império otomano que perdurará com maior ou menor peso de 1299 a 1922. Para Abulafia, este quarto mar é do tempo das santas e pouco-santas alianças. Apesar da batalha de Lepanto de 1571 ser considerada um divisor de águas, ela não deixou para trás os efeitos de acontecimentos tais como francos apoiando turcos contra os domínios dos Habsburgos! Este é um *mar* bastante dinâmico. Entre 1560 e 1700 podemos dizer com Abulafia, que o Mediterrâneo foi um campo de guerras das religiões especialmente nos confrontos entre cristãos e muçulmanos gerando algo que ele chamará de *diásporas do desespero*. Uma batalha, dentre as muitas, vai influir no Brasil: a ajuda dos portugueses aos ingleses na batalha de Trafalgar gerará *lágimas de sangue* (Napoleão) porque foi em cima desta *ajuda* que a família real portuguesa teve que se transferir para a Colônia.

O *Quinto Mediterrâneo* que para Abulafia vai de 1830 a 2010 (!) com a entrada em operação dos navios a vapor a tendência é o predomínio dos ingleses e a redução cada vez maior da presença otomana. Pode-se dizer que

com as duas grandes guerras, volta-se de novo ao uma espécie de *mare nostrum* de novo – especialmente entre 1914 e 1945. Por fim Abulafia se pergunta: onde está a unidade do mar Mediterrâneo? Talvez em seu redemoinho de mudanças. Mercadores ao mar, exílios, envios e missões religiosas, todos os tipos de governos do mundo num mesmo lugar, guerras sem fim etc. *O Mediterrâneo tornou-se o lugar mais vigoroso de interações entre sociedades diferentes na face do Planeta, e desempenhou um papel na história da civilização humana que de longe ultrapassa os demais mares.* E em resumo podemos ainda dizer: o que aconteceu ali direta ou indiretamente nos afeta até hoje. Até o fato de estamos lendo estas linhas.

*José Luiz Cazarotto*